

AMÉRICO CORREIA DE OLIVEIRA, *Os OGROS NA TRADIÇÃO ORAL ANGOLANA*, Leiria, Edições Magno, 2001, 581 pp.

Isabel Cardigos

Está de parabéns a Edições Magno, de Leiria, por trazer à ribalta, os dois volumes da tese de doutoramento de Américo Correia de Oliveira, *A Criança na Literatura Tradicional Angolana de Transmissão Oral Impressa em Português (A Criança)*, logo seguidos de *Do Imaginário Africano: Os Ogros na Tradição Oral Angolana (Os Ogros)*, tese de mestrado do mesmo autor, que vai ser o objecto da minha atenção imediata, reservando para o próximo número e para um olhar mais atento que merece, *A Criança*, que lhe é cronologicamente posterior.

*Os Ogros* apresenta-se como uma extensa e elucidativa apresentação (116 pp.) de uma rica antologia de 108 narrativas angolanas sobre ogros compiladas de livros e revistas impressos em (ou mais tarde traduzidas para) português e ordenadas por um critério de agrupamento etno-linguístico, seleccionado de um autor, de entre vários, todos eles referidos. A multiplicidade de seres convocados pelo termo “ogro” nas várias línguas Bantu são pesquisados pelo autor, e sempre remetidas para as suas fontes bibliográficas; assim, por exemplo, em Quioco, o étimo “Cixi”, significa “1. Dançarino mascarado.(...) 2. Traje ou vestimenta daquele dançarino ou palhaço (...); 3. Doença (ou espírito de um defunto) que atinge as crianças com menos de dois anos de idade (...)”; o étimo “Kixikixi” “um fantasma gigante e caçador, considerado encarnação de um caçador defunto”; “Likisi”, “máscara” (p. 89, a primeira referência remetida para A. Barbosa, 1989:43, as duas seguintes, confusas, porque vítimas duma gralha, hiato na sequência das notas de roda-pé); podemos depois ver, em contraste, a relativa pobreza de termos das designações portuguesas em que, na antologia apresentada, o “ogro” se traduz: “66 de monstro; 14 de seres antropomórficos/antropófagos (crocodilo, leão, lobo, dragão, serpente/cobra e besta), 12 de ‘papões’ [papão (5) / papa-gente (3) / antropófago (3) / comilão (1)] e 7 de lobisomem” (p. 99). Destaco, com ênfase particular, um quadro de todas as narrativas apresentadas — “O Universo dos Ogros e das Pessoas” (pp. 57-81) — com 7 colunas, identificando o número do conto e o seu grupo etno-linguístico ; com 4 colunas para a descrição do ogro a sua estratégia/poder; e duas colunas para a descrição das pessoas no aspecto socio-económico e cultural; e na sua estratégia /poder: um meticuloso trabalho de levantamento muito meritório, lugar de consulta a que o leitor dos textos se irá remeter, e base sem dúvida para futuros trabalhos.

Toda esta primeira parte nos remete para a antologia que se lhe segue, de contos de ogros da literatura oral angolana, fruto de um trabalho de pesquisa bibliográfica que só quem a faz lhe dá o devido apreço. Cada item está identificado com uma ficha que refere o “grupo etnolinguístico”, a “língua”, “informador”, “localidade”, “data de recolha” e “colectores”. O livro está enriquecido com um pequeno glossário de 23 páginas, com a identificação linguística de cada termo e a referência bibliográfica donde foi colhido. E, embora filtrados por tantas mediações até chegarem, implacavelmente empobrecidos, ao leitor (do desempenho para a demonstração, desta para a tradução e escrita, passando por sucessivas águas de censura), os contos que se nos apresentam agora são uma festa. Embora possamos devorá-los com um ogro, eles merecem melhor sorte ao oferecer-se-nos para um cuidadoso trabalho de contextualização e análise comparativa. Só assim poderão ser verdadeiramente saboreados e digeridos. E quem melhor o poderá fazer do que o autor do estudo preliminar desta sua bela antologia?

Se nos preocupa a forma como havemos de ordenar os contos africanos, para os quais não se chegou ainda a qualquer consenso (como bem ilustra o autor ao expor as diferentes classificações advogadas pelos vários estudiosos de contos da África de língua portuguesa), parece-me uma excelente arrancada o aparecimento de monografias temáticas como esta. São elas extensíveis a outras etnias e e pedem uma análise comparativa que as organize, tal como acontece com o estudo *La Fille Difficile, Un Conte-Type Africain* de Christiane Seydou e Veronika Görög-Karady (objecto da recensão de Paulo Jorge Correia neste número), um conjunto de contos já considerado como um tipo, agora analisado e organizado em sub-tipos.